



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

DÉBORA CIAMPI COSTA

COMO O JOVEM FALA COM DEUS

O uso dos pronomes de segunda pessoa na comunidade de prática evangélica de Brasília e em canções gospel brasileiras

Brasília
2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

COMO O JOVEM FALA COM DEUS

O uso dos pronomes de segunda pessoa na comunidade de prática evangélica de Brasília e em canções gospel brasileiras

Autora: Débora Ciampi Costa

Orientadora: Profa. Dra. Cíntia da Silva Pacheco

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras-Português pela Universidade de Brasília.

Brasília, 11 de dezembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu a vida e a oportunidade de desenvolver essa pesquisa. Agradeço, principalmente, pela vida nova e eterna que Ele me deu quando me salvou por meio de seu Filho Jesus Cristo. Agradeço, também, por ter me inspirado com a ideia do tema e por ter me acompanhado, me sustentado, me guiado, me orientado, me inspirado e me fortalecido em todo o tempo em que estive pesquisando e escrevendo esta monografia.

Agradeço à professora doutora Cíntia Pacheco, que tenho certeza de que foi colocada por Deus na minha vida. Obrigada por toda a paciência em tirar minhas (muitas) dúvidas e por sempre me responder prontamente. Obrigada pelo seu entusiasmo, que me motivava a continuar dando meu melhor mesmo quando já estava exausta. Obrigada pelo seu constante apoio. Este trabalho não teria sido o mesmo sem você (ou deveria dizer “a senhora”? Ou quem sabe “sem tu”?).

Ao meu noivo, Weber, por seu constante apoio e motivação. Agradeço pela ajuda e por sua imensa paciência por me ouvir falando do meu tema o tempo todo. Obrigada por me acalmar nos momentos de ansiedade e impaciência, por me incentivar a dar o meu melhor e por sempre me lembrar de que o motivo principal de tudo é a glória de Deus.

À minha família, que também me ouviu falar bastante sobre o que eu estava pesquisando. Obrigada por me incentivarem, me apoiarem, me inspirarem e me ajudarem com as conversas mais simples sobre o tema. Deixo aqui um agradecimento especial à minha irmã, Fabiane. Obrigada por me aturar e socorrer em momentos diversos e não apenas nesta pesquisa, Nane. E obrigada também por ter lido as várias partes deste trabalho que eu te mandava.

Aos meus sogros e minha cunhada, muito obrigada pelas conversas, pelo apoio e incentivo, mesmo que já fosse tarde da noite. Obrigada pelas inspirações de música e pela ajuda que me deram ao longo da pesquisa.

Aos meus amigos e colaboradores I, Y, L e A, por me deixarem estudar suas orações. Não é fácil ser amigo de linguista e eu agradeço pela disposição de vocês em

fazerem parte disso. Sem dúvida, sem vocês não seria possível ter feito uma pesquisa tão rica.

Ao meu amigo e colega de curso, João Victor Baldocchi, que me aguentou por uns dois meses pedindo ajuda na hora da codificação. Obrigada por não perder a paciência em momento nenhum e por me ajudar com algumas coisas difíceis e outras nem tanto assim, quando meu cérebro parecia ter parado de funcionar.

Agradeço aos meus demais amigos, que sempre tentavam me ajudar como podiam. Obrigada a todos que tiveram a disposição de conversar comigo sobre o tema. Obrigada também pelas orações; não teria conseguido as forças necessárias para concluir o semestre sem as orações de vocês por mim.

À Universidade de Brasília, por ter me proporcionado esses momentos de aprendizado e pela oportunidade que me deu de desenvolver esta pesquisa. E aos meus professores que me ensinaram e me inspiraram.

Soli Deo Gloria.

Tarde vos amei
Ó beleza antiga e tão nova
Habitavas dentro de mim
E eu lá fora a procurar
Eu não existiria
Se eu não existir em você
Deformado mantinha-me longe
Da beleza que é o teu ser
(Confissões – Projeto Sola)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	08
LISTA DE TABELAS	09
RESUMO	10
ABSTRACT	11
INTRODUÇÃO	12
1. ORIGEM DO TEMA DA PESQUISA	13
2. CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE PRÁTICA	15
3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS	18
4. OS PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO NO PB.....	22
5. OS PRONOMES DE PODER E SOLIDARIEDADE	25
5.1 Pronomes de poder e solidariedade no PB	26
5.2 Pronomes de poder e solidariedade em Brasília	27
5.3 Pronomes de poder e solidariedade no discurso religioso	28
6. METODOLOGIA DE PESQUISA	30
7. ANÁLISE DOS DADOS	31
7.1 Relatos de observação participante	31
7.2 Variáveis sociais	33
7.2.1 Tipo de fala	33
7.2.2 Sexo do falante	35
7.2.3 Denominação da banda	37
7.3 Variáveis linguísticas	38

7.3.1 Preenchimento do sujeito	38
7.3.2 Função sintática	41
7.3.3 Paralelismo sintático	45
7.3.4 Forma verbal	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Continuum tu e você</i>	37
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Pronomes de poder e solidariedade	25
Tabela 2: Tipo de fala	34
Tabela 3: Sexo do falante	36
Tabela 4: Denominação da banda	38
Tabela 5: Preenchimento do sujeito	40
Tabela 6: Função sintática antes da amalgamação	43
Tabela 7: Função sintática após amalgamação	44
Tabela 8: Paralelismo sintático	47
Tabela 9: Forma verbal	50

RESUMO

Baseado nas pesquisas antecedentes sobre a variação pronominal na fala brasiliense (ANDRADE, 2004; LUCCA, 2005; DIAS, 2007; ANDRADE, 2010 e 2015), o presente trabalho traz uma perspectiva inédita em Brasília ao estudar o uso dos pronomes *tu* e *você*, se resvalando também no pronome de tratamento *Senhor*, especificamente no discurso religioso. O objetivo será observar como os jovens brasilienses têm se dirigido a Deus nas orações faladas: se como *Senhor*, *tu* ou *você*. Também será analisado o uso dos referidos pronomes nas músicas de quatro bandas gospel brasileiras específicas, com o fito de observar como o modo de se dirigir a Deus vem ocorrendo atualmente. A investigação do uso real da língua em um contexto religioso se dará a partir de uma análise quantitativa de dados, baseada na teoria da Sociolinguística Variacionista de Labov, Weinreich & Herzog (2006 [1968]) e a análise será feita com o auxílio do programa GoldVarb-X, tendo como variáveis sociais o sexo, para as orações faladas, e a denominação da igreja, para as orações cantadas. Vale lembrar, ainda, que antigamente era impensável se dirigir a Deus como *você*, pois, dentro do contexto religioso, era considerado extrema falta de respeito. Atualmente, contudo, já é possível observar o aparecimento de dados linguísticos em que Deus é tratado pelo pronome pessoal *você*, o que causa forte estranhamento nos falantes mais velhos.

Palavras-chave: Pronomes de segunda pessoa. Variação linguística. Discurso religioso. Comunidade de prática evangélica.

ABSTRACT

Based on previous research on Brasília's speech pronoun variation (ANDRADE, 2004; LUCCA, 2005; DIAS, 2007; ANDRADE, 2010 & 2015), this study brings an unpublished perspective in this city by studying the pronouns *tu* and *você*, and also the pronoun *Senhor*, specifically in religious speech. The goal of this research is to observe how Brasília's youth speak to God when they are praying: by using *Senhor*, *tu* or *você*. These pronouns are also analyzed in the songs of four different Brazilian Christian bands, aiming to understand how people currently talk to God. This investigation of the candid use of language in a religious context is a quantitative analysis of the data, based on the Labov, Weinreich & Herzog's (2006 [1968]) Variationist Sociolinguistic, with the support of the GoldVarb-X program. The variables are the gender of the prayers, and the denomination of the songs. It is important to remember that, in the recent past, it was unthinkable to speak to God as *você*, because it was understood as an extremely disrespectful act in the religious context. Currently, however, one can observe from the linguistic data of this study that God is referred to commonly as *você*, a trend that is foreign and uncomfortable to many older Portuguese-speakers.

Keywords: Second person pronouns. Linguistic variation. Religious speech. Evangelical community of practice.

INTRODUÇÃO

O campo da sociolinguística variacionista é extremamente profícuo no Brasil. Diversas pesquisas sobre o português brasileiro (PB) têm sido desenvolvidas nos últimos anos. Inúmeros estudos estão sendo realizados também na capital do Brasil, com o intuito de estudar especificamente o dialeto brasiliense, que ainda está em formação, uma vez que Brasília, por ter apenas 59 anos, pode ser entendida como uma cidade jovem.

Não seria possível falar sobre a variação dos pronomes de segunda pessoa na cidade de Brasília sem citar os importantíssimos trabalhos anteriores que fundamentam toda a pesquisa acerca desse tema, a saber: Andrade (2004), Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010). Esses quatro estudos basilares sobre a variação pronominal de segunda pessoa em Brasília foram orientados pela professora doutora Marta Scherre, que também foi quem iniciou as pesquisas nessa área.

Apesar de tomar as quatro pesquisas supracitadas como ponto de partida, o presente trabalho se comunica mais diretamente com os estudos de Andrade (2010 e 2015), por diversos fatores, sendo alguns deles i) o fato de as pesquisas dessa autora serem as mais recentes sobre o assunto e ii) ela também trazer à tona questões em relação ao pronome de tratamento *senhor*.

A partir dessas quatro pesquisas, é possível se aventurar a analisar comunidades de prática relacionadas a esse tema que ainda não foram estudadas. Assim, o foco do presente estudo não será o vernáculo dos brasilienses, mas sim a fala dos moradores de Brasília no contexto do discurso religioso, mais especificamente da oração, se estendendo também ao campo musical, ao analisar as músicas de quatro bandas gospel brasileiras.

1. ORIGEM DO TEMA DE PESQUISA

Quando comecei a pensar em qual seria o tema da minha monografia, sabia que teria de ser algo que eu gostasse e que me interessasse. Sempre amei Linguística, então sabia que teria de ser algo dessa área, por isso comecei a observar a língua e seus usos a minha volta.

Um tema que me chamou bastante atenção, em uma das minhas aulas de Sociolinguística com a professora doutora Ulisdete Rodrigues de Souza, foi o uso do *tu* e *você* aqui em Brasília. Eu nunca tinha reparado nesse uso (e, na verdade, nunca tinha notado que havia um fenômeno linguístico acontecendo nesse contexto). Diante disso, comecei a ter interesse em pesquisar nessa área também, por isso estudei mais sobre esse assunto e foi assim que descobri que muitas pesquisas já estavam sendo desenvolvidas sobre esse tema aqui em Brasília.

Por esse motivo, comecei a me perguntar como eu poderia contribuir para o estudo que já vem acontecendo há algum tempo sobre esse fenômeno na minha cidade. No meio disso, ouvindo uma música de uma banda gospel de que eu gosto muito, percebi que, de forma subsequente, o eu-lírico se dirigiu a Deus de três maneiras diferentes: *vós*, *tu* (implícito com concordância) e *você*:

Tarde VOS amei
Ó beleza antiga e tão nova
HABITAVAS dentro de mim
E eu lá fora a procurar
Eu não existiria
Se eu não existir em VOCÊ
Deformado mantinha-me longe
Da beleza que é o teu ser
(Confissões – Projeto Sola, grifos nossos)

O mais interessante foi que, quando comentei sobre isso com algumas pessoas, ninguém tinha percebido essa alternância de pronomes e só notaram porque eu estava alertando-os para esse fato.

Comecei a perceber, também, que conhecidos estavam comentando que algumas pessoas usavam *você* para falar com Deus nas orações, o que gerava certo

incômodo neles, por entenderem esse uso como desrespeitoso para com Deus, que deveria ser tratado como *Senhor* ou como *tu* (com concordância).

Então me perguntei: por que será que isso acontece? Por que algumas pessoas usam *você* para falar com Deus enquanto outras acham esse uso estranho? Nos dois grupos de pessoas – tanto os que usam *você* na oração quanto os que não usam – percebo a devoção e o respeito a Deus, entendendo que a pessoa sabe que Deus é soberano e Senhor de tudo. Então, o que gera esse estranhamento em algumas pessoas? E por que o uso de *você* já é natural para outras? E mais: por que o uso de *você* parece ser amenizado quando em músicas?

Motivada por esses questionamentos, nasceu a ideia final para o meu tema de pesquisa. E aqui estamos. Na busca por alguma resposta (ou pelo menos por alguma descrição do que está acontecendo hoje).

Como esse é um tema bastante abrangente e meu tempo de pesquisa seria curto, resolvemos (eu e minha professora orientadora, Cíntia Pacheco) que seria melhor focar em um grupo específico. Como sou jovem e interajo bastante com outros jovens da minha igreja, optamos por começar focando nesse grupo e, se tivéssemos o tempo necessário, expandiríamos a pesquisa para outras faixas etárias.

E assim nasceu a pesquisa. Pouco tempo depois, expandimos também para o contexto musical, para ver como ocorre o funcionamento desse fenômeno nesse gênero discursivo.

Espero que nosso trabalho possa contribuir para pesquisas futuras e entendo que esse é apenas um ponto de partida, pois ainda há muito, muito mesmo a ser estudado. Contudo, entendo também que, com a contribuição de diversas pessoas, vamos construindo o conhecimento sobre a língua, de modo geral, e o modo de falar brasileiro, em específico.

Mas, principalmente, espero poder deixar minha contribuição à excelente pesquisa que já vem sendo feita em Brasília. Espero poder contemplar novos contextos e situações para expandir o leque de conhecimento que existe acerca dos pronomes de segunda pessoa no contexto linguístico brasileiro.

2. CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE PRÁTICA

De acordo com Eckert e Labov (2017, p. 476, tradução nossa), comunidade de prática é a rede social de cada indivíduo que

terá vários grupos - um grupo de amizade, a vizinhança, um ambiente de trabalho, uma banda de garagem. Esses grupos surgem como resposta às condições de vida encontradas em instituições, regiões, classes sociais etc.

Ou seja, a comunidade de prática é um grupo de pessoas que têm alguma coisa em comum, seja um hobby (como andar de skate), seja a faixa etária (escolas, por exemplo), seja a fé (como igrejas, que é o caso estudado nesta pesquisa). Assim, cada um desses grupos constitui uma comunidade de prática, por ter uma prática que une os indivíduos que fazem parte dela.

Essa comunidade se difere da comunidade de fala, porque, enquanto a comunidade de fala abrange toda uma região (por exemplo, Brasília é uma comunidade de fala, o Rio de Janeiro é outra e assim por diante), a comunidade de prática é parte dessa comunidade de fala, que é uma comunidade maior. Assim, dentro da comunidade de fala brasiliense é possível encontrar diversas comunidades de prática, como, entre outras, a de estudantes, de médicos, de juízes e de religião.

A comunidade de prática a ser estudada é a religiosa¹, mais especificamente a igreja evangélica brasileira. Dentro da comunidade religiosa evangélica existem diferentes tipos de denominação que, de maneira ampla, podem ser divididas, para fins de pesquisa, em dois grandes grupos teológicos que se subdividem em diversas outras denominações: o reformado e o não reformado.

Antes de explicar mais detalhadamente cada um desses grupos maiores, cabe esclarecer o conceito de denominação. Denominação é uma organização religiosa cristã evangélica, no caso estudado, que funciona a partir de uma doutrina de ideias próprias. A partir dessa doutrina de ideias seguidas por uma igreja, é que sua

¹ As constatações aqui apresentadas foram feitas a partir de uma análise do contexto religioso cristão evangélico brasileiro, de modo empírico, não a partir de algum método científico, mas sim do ponto de vista da pesquisadora e de seu noivo pertencentes a essa comunidade de prática.

denominação será determinada, podendo ser reformada ou não reformada, conforme a divisão apresentada anteriormente.

A divisão foi feita apenas nesses dois grupos abrangentes, tendo em vista que a pesquisa não será exaustiva, mas sim introdutória, e porque pode-se perceber que a principal diferença entre as igrejas e o modo como cultuam e se relacionam com Deus é a linha teológica que seguem.

As igrejas não reformadas são aquelas que, em sua doutrina, seguem, de modo geral, as ideias de Jacob Armínio. A crença dessas igrejas é sinergista, ou seja, acreditam que a salvação acontece de forma compartilhada, em que tanto Deus quanto o ser humano participam do processo de salvação, sem que, contudo, haja merecimento por parte do homem.

Nessas igrejas, pelo que se pode perceber, é mais comum o uso de você do que nas reformadas, uma vez que buscam uma maior intimidade com Deus, como pode ser visto nos vocativos por eles usados, tais como “Paizinho”, “Papai” e “Abba” (forma carinhosa de falar “pai” em hebraico).

As igrejas reformadas são assim denominadas por seguirem os princípios propostos por Lutero na Reforma Protestante. Essa denominação segue a linha teológica monergista; ou seja, para os reformados, apenas Deus age para conceder salvação para as pessoas. Assim, essa denominação entende que a humanidade pecou contra Deus e, por isso, seria impossível se reconciliar com ele por meio de nossas obras e ações, o que tornou necessária a vinda de Jesus, para assumir o lugar daqueles receberiam a salvação, pagando, mesmo sendo inocente, no lugar deles a dívida de seus pecados.

É uma visão monergista, porque apenas Deus precisa agir e o que cabe às pessoas para serem salvas é crer em Jesus e se arrepender de seus pecados (não basta seguir uma lista de regras – o que é chamado de obras -, pois a única coisa necessária para a salvação é a fé em Jesus Cristo). As obras, portanto, não servem para que uma pessoa consiga ser salva, mas são uma consequência da salvação.

Esse esclarecimento sobre a diferenciação de visão teológica dessas denominações é crucial, uma vez que o modo como cada igreja entende a teologia influencia na forma como ela procede em seus cultos e em seus hábitos. Assim, é

possível perceber que as igrejas reformadas, por se apegarem aos valores bíblicos trazidos pela Reforma, tendem a ser mais tradicionais, com um maior rigor quanto à estrutura do culto, enquanto as igrejas não reformadas, de maneira bem ampla, apresentam um rigor maior quanto a usos e costumes (como restrição a algumas roupas e bebidas alcoólicas), sendo, contudo, mais flexíveis na estruturação dos cultos.

A partir disso, é possível analisar mais especificamente essas denominações no que tange à presente pesquisa. Em relação à forma como cada um desses grupos eclesiais se dirige a Deus, é possível destacar algumas diferenças principais, que serão importantes para esse estudo.

Apesar de as duas denominações apresentarem formalidade em suas orações, elas se diferenciam em grau, dependendo não apenas da denominação, mas se a igreja é tradicional ou não. Tendo em vista que as igrejas reformadas em si já são mais tradicionais, espera-se que haja uma maior formalidade nas igrejas dessa denominação do que nas não reformadas.

3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Uma das grandes inovações no campo da linguística do século XX foi a mudança do ponto de vista das pesquisas. Diferentemente das correntes linguísticas anteriores, Labov, Weireich e Herzog primavam por um realismo linguístico, ou seja, enxergar a realidade da língua tendo como ponto de partida a realidade sócio-histórica. Essa mudança é conhecida como virada paradigmática na linguística. Essa virada começou a mudar o foco das pesquisas na área da linguística da estrutura da língua em si para seu uso. Assim, a linguística começou a se tornar um campo de pesquisa interdisciplinar, por meio da sociolinguística, interagindo com áreas como, entre outras, a sociologia, a história, a antropologia, a neurociência e a semiótica (REBOUÇAS & COSTA, 2014).

Um dos princípios da sociolinguística é o de que não existe ninguém que seja monoestilístico. Isso quer dizer que o falante se comporta de modo linguisticamente diferente a depender do ambiente. Assim, o modo como uma pessoa se comunica com sua família ou com seus amigos é diferente do modo como se comunica com seu chefe, por exemplo. Da mesma forma que o modo como uma pessoa usa a língua no dia a dia (o que também é chamado de vernáculo) é diferente de como ela a usa em um contexto religioso.

Cabe destacar que, dentro da sociolinguística, existem diferentes vertentes, que possuem focos de pesquisa diversos. Uma dessas vertentes, e a que será utilizada como pressuposto teórico na presente pesquisa, é a Sociolinguística Variacionista, que teve origem com o texto de Labov, Weireich e Herzog (1968) “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística”. Esse texto surgiu como uma resposta dos autores à teoria gerativa de Noam Chomsky, uma vez que esta não considerava o uso da língua e se preocupava apenas com a capacidade linguística, “imaginando um falante ideal, mas não real” (REBOUÇAS & COSTA, 2014).

Outro princípio geral da Sociolinguística é a de que todas as línguas variam e mudam, o que é influenciado por diversos fatores intra e extralinguísticos. Quanto à variação, a teoria proposta por Labov, Weireich e Herzog pressupunha a heterogeneidade ordenada ou sistemática da língua, ou seja, a variação linguística não ocorre de modo caótico, desordenado ou aleatório. Assim, essa vertente da

sociolinguística entende que a variação e mudança linguística podem ser descritas, tendo como foco de estudo a comunidade de fala ou de prática, em que os falantes se identificam ou são identificados pelo modo como entendem e usam a língua.

Uma vez que o foco da presente pesquisa será a variação pronominal de segunda pessoa em Brasília, no contexto religioso, o escopo teórico se fundamentará, basicamente, nas pesquisas de Andrade (2004), Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010 e 2015)². Como essas quatro autoras, juntamente com Marta Scherre (SCHERRE *et alii*, 2011), são as grandes responsáveis pelos dados, resultados e análises existentes sobre esse tema no contexto linguístico brasiliense, torna-se impossível tratar sobre pronomes de segunda pessoa em Brasília sem citá-las.

Apesar de o foco do presente estudo não ser o mesmo das pesquisas dessas quatro autoras, é indispensável a compreensão dos resultados por elas expostos. Isso porque é a partir da base já formada que será possível se aventurar a novas alçadas, em um tipo diferente de discurso, a saber, o religioso. Assim, vale à pena recordar, ainda que de forma extremamente breve, um pouco do que os estudos dessas autoras trouxeram a respeito desse tema de pesquisa na cidade de Brasília.

O estudo de Andrade (2004), abordou as variantes *você*, *ocê* e *cê*, a partir de uma amostra de fala gravada entre os anos de 1991 e 1992, da faixa etária entre 10 e 14 anos, na região administrativa (RA) Sobradinho. A autora pôde concluir, a partir da observação dos dados colhidos, que a ocorrência da variante *cê* foi bastante significativa, ainda que em menor quantidade do que *você*. Além disso, a pesquisa também indicou que o uso de *cê* era favorecido por falantes do sexo masculino, enquanto falantes do sexo feminino desfavoreciam esse uso.

O que possivelmente mais chama a atenção, para o presente estudo, na pesquisa de Andrade (2004), é o fato de que não houve ocorrência de nenhum dado com o pronome *tu*. Vale lembrar, contudo, que os informantes sabiam previamente que estavam sendo gravados, o que influencia para que a fala deles fosse mais monitorada. Não é possível concluir se a ausência de *tu* foi devido a essa maior monitoração por parte dos falantes ou se essa variante ainda não era tão presente em Brasília quanto se mostrou nos estudos que se seguiram.

² Vale lembrar que Andrade (2004) e Andrade (2010 e 2015) são pesquisadoras diferentes.

A pesquisa de Lucca (2005), por exemplo, que estudou a fala de jovens brasileiros entre 15 e 19 anos, moradores das RAs Brasília, Taguatinga e Ceilândia, já apresentou dados de uso do pronome *tu*. Estudando a variação pronominal *tu/ você* (com a variante *cê* amalgamada), a pesquisadora coletou os dados a partir de gravações de conversas espontâneas entre os jovens, em sua maioria do sexo masculino. A partir dos dados observados, Lucca pôde concluir que falantes do sexo masculino favorecem, acentuadamente, o uso do *tu* e falantes do sexo feminino desfavorecem-no, mas não apenas isso: a autora mostrou, ainda, que a interação com pares solidários e temas do cotidiano também favoreciam o uso de *tu*.

Dias (2007) também estudou a variação entre *tu* e *você* em sua pesquisa. Utilizando-se de dados equilibrados de ambos os sexos, de moradores apenas da RA Brasília, Dias analisou três faixas etárias diferentes: de 13 a 19 anos, de 20 a 29 anos e mais de 30 anos. A partir da análise desses dados, Dias (2007) concluiu que a faixa etária de 13 a 19 anos favorecia o *tu*, enquanto falantes de mais de 30 anos tenderam a utilizar essa variante apenas em situações mais específicas.

Uma vez que, com exceção da faixa etária de 30 anos ou mais, as demais tenderam a usar *tu* em diversos tipos de fala, foi possível concluir que essa variante estava passando de um uso altamente específico para um uso de contextos variados, como exposto por Dias (2007, p.74, *apud* DETTONI *et alii*, 2012, p. 817).

Como salientado por Dettoni *et alii* (2012, p. 817), as pesquisas de Dias (2007) e de Lucca (2005), quando combinadas, apontam para uma maior tendência de ocorrer o *tu* quando o falante é do sexo masculino, de uma faixa etária entre 13 e 19 anos, em relações solidárias ou íntimas. Contudo, ao se comparar essas duas pesquisas, pode-se observar que houve um aumento do uso de *tu* na fala de falantes do sexo feminino na pesquisa de Dias (2007).

Por fim, a última pesquisa do que seria a “quadra basilar” sobre os estudos dos pronomes de segunda pessoa na fala brasileira é a de Andrade (2010). A partir da análise dos dados por ela colhidos majoritariamente na RA Vila Planalto, de falantes crianças (7 a 11 anos) e adolescentes (12 a 15 anos), a partir de gravações de conversas espontâneas (mas em que os falantes tinham consciência de que estavam sendo gravados), tendo como foco as variantes *tu*, *você* e *cê*, a pesquisa de Andrade

corroborou com os dados apresentados pelas pesquisas anteriores, em que falantes do sexo masculino favorecem o *tu* e falantes do sexo feminino favorecem a variante *você*.

Em comparação aos resultados de 2005, contudo, foi possível perceber que as diferenças entre os sexos, em relação ao uso da variante *tu*, vem diminuindo, como já foi possível constatar a partir da comparação entre as pesquisas de Lucca (2005) e Dias (2007). Além disso, Andrade (2010) também observou que a variante *cê* apresenta uma maior tendência a ser neutra.

Dessa forma, é possível concluir, a partir dos resultados trazidos por essas quatro pesquisas e, especificamente, da proposta de Andrade (2010 e 2015), que, na fala brasiliense, *você/ cê* poderia ser considerado como pronome de esquiva, a variante *tu* seria mais marcada e o pronome de tratamento *senhor(a)* apresentaria uma ocorrência muito baixa, sendo extremamente formal (ANDRADE, 2010).

4.OS PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO NO PB³

O quadro pronominal mais tradicional da língua portuguesa, encontrada na maior parte das gramáticas normativas, consiste no seguinte sistema: três pessoas do singular e três pessoas do plural. As três pessoas do singular são: primeira pessoa – *eu*, segunda pessoa – *tu* e terceira pessoa – *ele/ela*. As três pessoas do plural são: primeira pessoa – *nós*, segunda pessoa – *vós* e terceira pessoa – *eles/elas*.

Quanto ao pronome *ocê*, há uma grande divergência de como classificá-lo nas gramáticas. Cunha & Cintra (2001), Evanildo Bechara (2004) e Rocha Lima (2006), por exemplo, categorizaram *ocê* como pronome de tratamento de segunda pessoa com verbo de terceira pessoa (*apud* ANDRADE, 2010, p.41). Napoleão Mendes de Almeida (2005 *apud* ANDRADE, 2010, p. 41) classificou esse pronome como de terceira pessoa, enquanto Said Ali (2001, p. 75, *apud* ANDRADE, 2010, p. 41, grifos do autor) entendeu *ocê* como “um pronome nascido do uso e abuso da fórmula *vossa mercê*, o qual perdeu o brilho e o significado original”. Mira Mateus (2003 *apud* ANDRADE, 2010, p. 41), por sua vez, classificou *ocê* como pronome pessoal de forma forte, sendo parte dos nominativos assim como o *tu*.

Em relação ao pronome *o(a) senhor(a)*, tem-se como senso comum que é um tratamento respeitoso. De modo geral, pode ser classificado como forma de tratamento de segunda pessoa com verbos na terceira pessoa, contudo, para Napoleão Mendes de Almeida (2005, *apud* ANDRADE, 2010, p.42), o pronome *senhor*, na verdade, trata-se de uma forma de tratamento de terceira pessoa.

As gramáticas que apresentam um quadro pronominal menos tradicional são as de Lima *et al.* (1991) e Henrique Grannier (2001). Em tais gramáticas, os pronomes *vós* e até mesmo o *tu* foram suprimidos, restando, portanto, o seguinte quadro: *eu*, *ocê*, *ele*, *ela*, *nós*, *a gente*, *vocês*, *o senhor*, *a senhora*, *eles* e *elas*. Ao retirarem o *tu*, todavia, esses autores acabaram reforçando a ideia errada de que tal pronome desapareceu no PB (ANDRADE, 2010, p. 42).

³ As informações aqui expostas foram retiradas do trabalho de Andrade em sua tese de mestrado de 2010, por ser uma das fontes mais completas acerca desse tema.

O quadro pronominal que parece mais se aproximar da realidade linguística brasileira é o proposto por Loregian-Penkhal (2004 *apud* ANDRADE, 2010, p. 42). Utilizando-se da divisão entre três pessoas do singular e três do plural, a autora classificou os pronomes pessoais sujeito do seguinte modo: no singular, primeira pessoa – *eu, a gente*; segunda pessoa – *tu, você*; terceira pessoa – *ele, ela*. No plural: primeira pessoa – *nós, a gente*; segunda pessoa – (*vós*), *vocês*; e terceira pessoa – *eles, elas* (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p.48 *apud* ANDRADE, 2010, p. 42).

Como é possível perceber, o maior ponto de divergência, em relação ao quadro pronominal do PB, parece ser em relação aos pronomes de segunda pessoa. Há quem defenda que há um único pronome de segunda pessoa do singular, a saber, *tu* (ALMEIDA, 2005) ou *você* (LIMA *et al.*, 1991 e GRANNIER, 2001). Há também os que aceitam esses dois pronomes como sendo próprios de segunda pessoa no PB (CUNHA & CINTRA, 2001; BECHARA, 2004; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ROCHA LIMA, 2006), enquanto outros defendem que *você* é o verdadeiro pronome de segunda pessoa no PB, entendendo o uso do *tu* como restrito a algumas regiões específicas do Brasil, como o Sul e o Norte (ILLARI, 2007). Semelhantemente a esse último ponto de vista, há também os que defendem que há um predomínio do *você* sobre o *tu* no contexto linguístico brasileiro (FARACO, 1996 *apud* ANDRADE, 2010, p. 42-43).

Contudo, em relação a esses dois últimos pontos de vista acerca da segunda pessoa pronominal no PB, há autores que têm registrado a ocorrência do *tu* em diferentes lugares no Brasil, percebendo até mesmo sinais de que é possível que haja uma expansão desse pronome pelo território brasileiro (PAREDES, 2003 e LUCCA, 2005 *apud* ANDRADE, 2010, p.43).

Ainda não foi possível chegar a um consenso em relação ao quadro pronominal do PB. Contudo, pode-se concluir que, diante de todo esse questionamento e do que se pode observar na prática em diversas comunidades de fala brasileiras, não há apenas um único pronome que exerça a função de segunda pessoa.

Nesse aspecto, sou levada a concordar com Scherre *et alii* (2011), quando afirmam que há, no Brasil, cinco formas pronominais de segunda pessoa do singular de amplo uso, a saber: *tu, você, ocê, cê* e *senhor*. Essas autoras trazem, ainda, a

ponderação de que no PB podem existir seis subsistemas pronominais, levando em conta o uso variável de *você* (*você*, *ocê* e *cê*) e da concordância, também variável, de *tu* (com ou sem concordância verbal) (SCHERRE *et alii*, 2011).

5. OS PRONOMES DE PODER E SOLIDARIEDADE⁴

O conceito de que as línguas possuem dois tipos de pronomes de segunda pessoa teve origem com o texto “The pronouns of Power and Solidarity” de Roger Brown e Albert Gilman (1960). Esses autores defendem que existe uma semântica de poder e de solidariedade, que permeia o uso dos pronomes.

Brown & Gilman dividiram os pronomes de segunda pessoa em T/V. T em referência ao *tu* do latim e V em referência ao *vos*, também do latim. Os pronomes classificados como T seriam os de semântica de solidariedade, com maior traço de intimidade, e os classificados como V, os de poder, com maior traço de reverência. Ou seja: aqueles que detêm o poder se referem à segunda pessoa como *tu* ou *vos*, mas serão tratados por *vos*. Já os falantes que não detêm o poder se refeririam àqueles que o detêm como *vos*, mas seriam tratados por *tu*.

Assim sendo, seria possível resumir esse conceito a partir da seguinte tabela:

Tabela 1- Pronomes de poder e solidariedade

	T	V
Intimidade	+	-
Familiaridade	+	-
Solidariedade	+	-
Informalidade	+	-
Cerimoniosidade	-	+

Antigamente, havia um predomínio da semântica do poder para o uso dos pronomes. Assim, os falantes de classe mais baixa tratavam os falantes de classe mais alta utilizando os pronomes V, sendo tratados por T. Só se utilizavam os pronomes de maneira mútua quando os interlocutores pertenciam à mesma classe social, em um contexto de solidariedade. Ou seja, a partir disso, é possível concluir que o uso dos

⁴ Esta seção foi motivada pelo trabalho de Andrade (2010), se aproximando em diversos momentos do que a autora tratou em seu texto.

pronomes também serve, na língua, para marcar relações de simetria e de assimetria, pelo menos no que tange às sociedades ocidentais. (ANDRADE, 2010)

Atualmente, contudo, pode-se perceber que há a prevalência do uso da semântica de solidariedade, e não mais da de poder. Assim, tende-se a utilizar os pronomes com mutualidade, ou seja, usa-se o mesmo pronome com que se foi tratado, seja V ou T. Cabe destacar, todavia, que, apesar de ter havido uma diminuição do uso da semântica do poder, ela ainda existe (ANDRADE, 2010).

Isso se reflete no modo como os pronomes vêm sendo utilizados ultimamente. Na fala vernacular brasiliense é possível perceber que está havendo uma restrição de uso do pronome *senhor*, colaborando para essa prevalência da semântica de solidariedade. Como consequência, *você* vem se tornando cada vez mais comum, o que acaba tendo reflexos também no discurso religioso, como poderá ser melhor visto posteriormente.

5.1 Pronomes de poder e solidariedade no PB

A tarefa de classificar os pronomes do PB como T ou V, como proposto por Brown & Gilman (1960), é extremamente complicada (se não impossível). Isso porque, como tratado por Dias (2007), diferentes pronomes podem exercer função tanto de T quanto de V no PB, a depender do contexto. Para Lucca (2005), uma possível classificação para os pronomes dentro da proposta desses autores seria *tu/ você, cê/ você* e *você/ senhor* como T/ V, respectivamente.

A complexidade dessa classificação no contexto linguístico brasileiro se deve também ao fato de que os pronomes não são estanques (ANDRADE, 2010). Assim, para ser possível fazer uma classificação como essa, seria necessário levar em conta fatores diversos, tanto intra quanto extralinguísticos.

Contudo, é possível ter-se por certo *senhor* como necessariamente um pronome de poder. Tendo em vista que este é um pronome bastante formal, Dias (2007) afirma que *senhor* poderia ganhar o título de pronome de poder em contraste ao(s) pronome(s) de solidariedade, de acordo com a classificação de Brown e Gilman (1960).

Além disso, cabe ainda destacar que o pronome de tratamento *senhor(a)* tem seu uso restrito a situações bastante específicas, a saber, de assimetria social.

(ANDRADE, 2010) Esse fato, somado à constatação de que atualmente parece estar havendo um predomínio do uso dos pronomes de solidariedade e não mais de poder, é uma possível explicação do porquê *senhor* não tem mais feito parte de falas casuais⁵, ainda que não tenha sido extinto do contexto linguístico brasileiro.

Diante disso tudo, pode-se considerar como senso comum a classificação de *senhor* como pronome de poder. A grande área de divergência em relação à classificação proposta por Brown & Gilman dentro do contexto pronominal do PB se dá quanto às relações entre os pronomes *tu* e *você* (e suas demais variantes), que podem variar de acordo com o contexto social e regional dentro do Brasil.

Como a alçada do presente estudo se restringe ao contexto de Brasília, iremos nos limitar a tratar brevemente sobre como ocorre essa relação na fala brasiliense.

5.2 Pronomes de poder e solidariedade em Brasília

Andrade (2010), em sua pesquisa de mestrado, chegou a resultados que confirmavam e acrescentavam às pesquisas antecedentes à sua. Quanto à relação de poder e solidariedade dos pronomes em Brasília, a pesquisa de Andrade (2010) apontou para o fato de que, na fala brasiliense, o *cê* era a forma neutra, podendo ser considerado como pronome de esquiva. O *tu*, apesar de não parecer ser estigmatizado, era mais marcado do que o *cê* e o *você*. E *senhor*, como já dito anteriormente, é a variante mais formal, sendo um pronome que denota extrema cerimoniosidade.

Uma vez que a presente pesquisa não fará a diferenciação entre *você* e *cê*, se um resumo fosse feito acerca das conclusões trazidas por Andrade (2010) nos termos do foco desta pesquisa, poder-se-ia obter algo como o que segue: Na fala vernacular brasiliense, *você* seria a forma neutra e de esquiva, *tu* seria o pronome mais marcado e *senhor* seria o pronome mais formal.

No entanto, o quadro muda completamente de forma dentro do contexto religioso. Uma vez que o foco deste estudo são os pronomes *você*, *tu* e *senhor* no

⁵ De acordo com Labov (2008, p.110), fala casual é a fala cotidiana em contextos informais, em que os falantes não estão prestando atenção à sua linguagem. Já a fala espontânea é “quando os constrangimentos de uma situação formal são abandonados” (LABOV, 2008, p. 110), como quando alguém se empolga ou se emociona. Seria, portanto, um tipo de fala casual que acontece em um contexto formal, apesar (e não por causa) da formalidade do ambiente (LABOV, 2008, p. 110).

ambiente específico do discurso religioso, cabe traçar uma pequena contextualização de como se dá a relação pronominal nesse tipo de discurso, a partir da proposta de Brown & Gilman (1960).

5.3 Pronomes de poder e solidariedade no discurso religioso

Dentro da comunidade de prática religiosa cristã evangélica de Brasília, a relação pronominal de poder e solidariedade, quando o interlocutor é o próprio Deus, ocorre de modo diferente (se não oposto) do que ocorre na fala cotidiana.⁶

Se na fala cotidiana de Brasília o pronome de esquiva é *você/ cê*, no discurso religioso, quando em referência a Deus, é *Senhor*. Enquanto na fala corriqueira *tu* é um pronome mais marcado, *você* é extremamente marcado na fala religiosa, ainda mais nas comunidades mais tradicionais. E, por fim, se *senhor* é extremamente formal e quase obsoleto no vernáculo brasileiro, no discurso religioso, é o *tu* (praticamente sempre com concordância, até onde pude observar) que recebe essa conotação de alta cerimoniosidade.

Assim, pode-se concluir, a partir de observação e constatação empírica, que, no discurso religioso, a relação pronominal se dá da seguinte maneira: *Senhor* seria a forma mais neutra e de esquiva, *você* seria o pronome mais marcado e *tu* (ao que tudo indica, sempre com concordância) seria a variante mais formal.

Minha hipótese quanto à forma *Senhor* ser o pronome de esquiva é que isso se deve ao fato de que Deus é, verdadeiramente, o Senhor. Assim, como o próprio Deus se apresenta como o Senhor na Bíblia, não haveria nenhum tipo de desconforto (tanto por parte de quem fala quanto por parte de a quem se fala) se o falante se dirigisse ao seu interlocutor (no caso, Deus), como *Senhor*, diferentemente do que ocorre no dia a dia, uma vez que, como salientado por Andrade (2015)

A forma *senhor(a)*, por sua vez, frequentemente é estigmatizada em Brasília, onde as pessoas a associam ao tratamento dirigido aos muito

⁶ É importante salientar que as considerações que se seguirão são frutos da minha observação participante, enquanto membro da comunidade religiosa cristã evangélica desde a tenra infância. As constatações aqui expostas são resultado do que pude apreender da minha experiência nessa comunidade de prática, e não de uma pesquisa científica. O presente estudo visa, justamente, a confirmar se minha hipótese está correta ou não.

idosos, mais que às pessoas hierarquicamente diferentes em um dado contexto social. Há, inclusive, uma frase feita muito comum em combate ao uso dessa forma, qual seja: “*o(a) senhor(a)* está no céu, me chame por *você*”. Por isso, também, reafirmamos uma tendência à restrição [de uso desse pronome], porque raramente há licença para utilizá-lo. Frequentemente, as pessoas se sentem até aborrecidas/ofendidas se tratadas por *senhor(a)*. Se esse estigma se mantiver, a tendência à uma diminuição, restrição de sua ocorrência, ficará cada vez mais evidenciada (ANDRADE, 2015, p. 70-71, grifo da autora).

Fazendo coro ao proposto pela autora, minha hipótese também é a de que o pronome *senhor(a)* vem entrando em desuso dentro do contexto linguístico de Brasília. Isso pode ser visto na fala dos jovens,⁷ que usam (quando usam) o pronome *senhor* apenas para se dirigir aos seus pais e/ou avós; alguns apenas para os avós. Acredito que uma possível consequência disso seja a saída de *senhor* do repertório de pronomes dos falantes brasilienses, mesmo que de forma lenta e gradual.

Ainda acerca da restrição do uso de *senhor*, como proposto por Andrade (2015), acredito que isso tenha repercussão direta no modo como a comunicação com Deus vem ocorrendo no cenário evangélico brasiliense (e, ousado dizer, até brasileiro). Assim, minha hipótese é a de que, uma vez que *senhor* parece estar saindo progressivamente do repertório pronominal das gerações mais jovens, a tendência seja de que eles usem o pronome disponível em seus repertórios. Esse pronome tende a ser *você*, que é a forma menos marcada e mais neutra na fala cotidiana, como já dito anteriormente.

Uma vez que o uso de *você* está aumentando e se tornando natural na fala vernacular, creio que a tendência é a de que entre progressivamente também no discurso religioso, justamente por ser o pronome com o qual o falante está mais familiarizado a utilizar e, portanto, o mais natural em sua fala, em seja qual for o ambiente.

Essa minha crença de que a fala cotidiana tem influência na fala religiosa poderia receber respaldo no fato de que já é possível perceber a entrada de *você* no discurso religioso quando em referência a Deus. Contudo, esse uso ainda gera um profundo estranhamento, principalmente por parte dos falantes mais velhos e/ou mais tradicionais, como poderá ser visto ao longo do presente estudo.

⁷ Aqui, mais uma vez, me utilizo de minha observação e constatação empírica, sem nenhum tipo de pesquisa científica em relação a isso.

6. METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa do uso dos pronomes *Senhor, tu e você* em referência a Deus será realizada em dois tipos de fala: na modalidade falada e na modalidade musical. Para analisar a modalidade falada, foram gravados áudios com, aproximadamente, cinco minutos, não corridos, de quatro pessoas diferentes, jovens, sendo dois homens e duas mulheres, entre 21 e 27 anos de idade, de uma mesma igreja, reformada, na região central de Brasília. Posteriormente, as gravações foram transcritas e analisadas.

Quanto à modalidade musical (ou canto, como também passaremos a nos referir a essa modalidade), elegi quatro bandas brasileiras, do gênero musical gospel, composta por jovens e/ou cujo público principal são os jovens. A variável social levada em consideração nesse caso não foi o gênero, como na modalidade falada, mas sim a denominação a qual pertencem as bandas, duas entendidas como bandas reformadas e duas como bandas não reformadas, de acordo com a classificação anteriormente proposta. Para uma análise mais eficiente, serão estudadas, de cada banda, apenas as músicas autorais lançadas entre 2013 e 2019 cujo interlocutor seja Deus.

Selecionadas as fontes para a pesquisa, codifiquei as ocorrências dos pronomes *Senhor, tu e você*, e, posteriormente, analisei no programa GoldVarb-X e comparei os resultados de cada variante.

7. ANÁLISE DOS DADOS

Antes de partir para a análise dos dados coletados, gostaria de trazer alguns apontamentos que pude observar enquanto participante dessa comunidade de prática religiosa no que tange ao uso dos pronomes de segunda pessoa quando em referência a Deus.

7.1 Relatos de observação participante

Como mencionado anteriormente neste trabalho, é possível perceber que, atualmente, o uso do pronome de tratamento *senhor* está se tornando restrito, pelo menos no contexto de Brasília (ANDRADE, 2015). Uma hipótese possível para esse fenômeno, como também já brevemente exposto, é o fato de que os jovens não sabem mais como se dirigir às pessoas mais velhas: se as chamam de *você*, podem ser vistos como desrespeitosos. Se, contudo, chamam-nas de *senhor* ou *senhora*, podem receber respostas como “O(A) Senhor(a) está no céu”, inibindo, assim, o uso desse pronome, como salientado por Andrade (2015).

Tendo essa hipótese em vista, é bastante incomum que os jovens brasilienses utilizem o pronome *senhor*, que ficou mais restrito ao contexto familiar (quando usado), principalmente com os avós. Essa mudança se reflete já nas crianças brasilienses, que não usam o pronome *senhor* em praticamente nenhuma situação.

Tal fenômeno repercute também dentro do contexto religioso. É possível perceber que o uso do pronome *você*, para se dirigir a Deus em orações, começa a aparecer, apesar de ainda gerar estranhamento dos falantes mais velhos (e mesmo de muitos jovens), como também já mencionado. As crianças são um forte indicativo dessa possível mudança em andamento.

Uma mulher que conheço, da mesma igreja que a minha (uma igreja reformada no centro de Brasília), depois de conversarmos sobre meu tema de pesquisa, relatou que seu filho de 5 anos não utilizava o pronome de tratamento *senhor* em suas orações, mesmo que ela insistisse.

Antes de detalhar melhor tal relato, cabe explicar que, no meio evangélico, é comum ensinar as crianças a orar por meio da repetição. Assim, um adulto fala uma

frase curta e a criança a repete. Eventualmente, a criança aprende a orar e algumas começam a pedir para orarem sozinhas ou até mesmo para conduzirem a oração, invertendo os papéis: agora a criança fala a frase e o adulto repete.

Nesse contexto de oração, o filho dessa mulher pediu para que ela repetisse a oração dele. O filho se dirigia a Deus como *você* e a mãe, por sua vez, quando repetia a frase, se dirigia a Deus, enfaticamente, como *Senhor*. Contudo, mesmo assim, o filho prosseguia utilizando o pronome *você*, ainda que se mostrando reverente e extremamente respeitoso para com Deus.

Esse relato foi apenas para ilustrar a hipótese aqui apresentada, e fazendo eco à de Andrade (2015), de que o pronome *senhor* está caindo em desuso na comunidade de fala brasiliense. O alvo do presente estudo, contudo, não foram as crianças, mas sim os jovens. Em relação a estes, ainda é possível perceber o uso do pronome *senhor* na fala vernacular, entretanto em ambientes restritos (ANDRADE, 2015), tais como família, e é bastante variável, uma vez que não são todos os jovens que usam esse pronome.

Em um contexto religioso, por outro lado, o uso de *Senhor* ainda é bastante comum entre os jovens, principalmente os de igreja reformada, que é o caso das quatro pessoas cujas orações faladas serão analisadas aqui. Em relação às orações cantadas, a hipótese inicial era a de que as igrejas reformadas apresentariam mais o pronome *tu* e as igrejas não reformadas usariam mais o pronome *você*.

Quanto ao pronome *você*, é possível observar sua entrada no discurso religioso. Esse uso já está se tornando natural nas igrejas não reformadas, enquanto nas igrejas reformadas ainda gera um forte estigma, mesmo entre os jovens.

Conversando com um amigo sobre a pesquisa, ele afirmou-me categoricamente que não utilizava o pronome *você* quando em referência a Deus, mas logo o alertei de que o uso desse pronome nesse contexto específico muitas vezes acontecia abaixo do nosso nível de consciência. Eu mesma me encontrei nessa situação. Eu imaginava que não usava *você* para falar com Deus até que um dia me vi utilizando esse pronome enquanto orava sozinha.

Da mesma forma, apesar de ser incomum, já é possível perceber que o pronome *você* está entrando nas orações dos jovens reformados. Apesar de não ter conseguido nenhum dado de *você* nas orações coletadas, já presenciei algumas vezes amigas

utilizando esse pronome quando oravam apenas comigo, o que pode nos levar a pensar que talvez *você* esteja sendo usado apenas em um contexto muito restrito em que a pessoa que está orando tem intimidade com quem está ouvindo e participa com ela da oração.

Fora desse contexto de solidariedade, já presenciei algumas vezes (ainda que muito poucas) o uso de *você* na oração se referindo a Deus. Em um desses casos, houve grande estranhamento, em outro as pessoas parecem não ter reparado ou, se repararam, o estranhamento foi menor.⁸ Também é interessante destacar que, de todos os 603 dados colhidos, somente 1 foi com o pronome *vós*, que não é mais usado na comunidade de prática evangélica, apenas quando citando trechos da Bíblia ou de textos antigos. De todos os dados de *tu*, nenhum deles foi sem concordância e só presenciei uma única vez uma pessoa utilizando *tu* sem concordância para se referir a Deus.

Com essas constatações, sigamos para a análise dos dados coletados, das variáveis sociais (tipo de fala, sexo do falante e denominação da banda) para as linguísticas (preenchimento do sujeito, função sintática, paralelismo sintático e forma verbal).

7.2 Variáveis sociais

As variáveis sociais codificadas e analisadas foram: tipo de fala (se oração ou canto); sexo do falante para os colaboradores em oração e denominação da banda para as canções. A seguir, descreveremos a hipótese inicial de cada variável extralinguística; a tabela com os resultados percentuais e a análise dos dados.

7.2.1 Tipo de fala

Como já anteriormente exposto, as orações (conversas com Deus) serão analisadas em duas modalidades: a falada e a musical (fala e canto). A expectativa em

⁸ Acredito que o motivo das diferentes recepções a esse uso foi o fato de eu ter percebido pela primeira vez em um culto público (com a igreja toda) e pela segunda vez no culto dos jovens (apenas com pessoas entre 14 e 27 anos).

relação a essa variável era a de que a modalidade musical favorecesse o uso de *tu* com concordância, uma vez que este pronome parece estar se tornando antigo no discurso religioso, ficando restrito a alguns ambientes específicos, sendo um deles a música (registro escrito). Quanto à fala, a expectativa era a de que a variante mais utilizada fosse *Senhor* por ser a mais comum e a de esquiva, como previamente proposto.

Os resultados da análise dessa variável podem ser vistos na seguinte tabela:

Tabela 2 – Tipo de fala⁹

	Tu	Senhor	Você	Total
Canto	193/399 48,4%	86/399 21,6%	120/399 30,1%	399/602 66,3%
Fala	12/203 5,9%	186/203 91,6%	5/203 2,5%	203/602 33,7%
Total	205/602 34,1%	272/602 45,2%	125/602 20,8%	602

Como o esperado, a análise dos dados mostrou que, de fato, há um favorecimento do uso de *tu* nas músicas (48,4%, portanto acima da média de 34,1%), enquanto a fala favorece fortemente o pronome *Senhor* (91,6%, bem acima da média de 45,2%).

Cabe destacar que, em um primeiro momento, nas gravações feitas das orações faladas, não houve ocorrência da variante *você* (os dados de *você* presentes na tabela 2 são referentes aos dados colhidos nos discursos reportados, e não durante as gravações). Como já presenciei algumas vezes amigas minhas utilizando esse pronome quando oravam apenas comigo, é possível acreditar que o uso de *você* nas orações de jovens de igrejas reformadas ainda acontece em um contexto muito restrito: apenas na presença de pares solidários em um contexto de intimidade, como proposto anteriormente.

Assim, para conseguirmos os dados de *você*, observamos também os discursos reportados. Discurso reportado é quando, durante uma conversa, uma pessoa reporta a

⁹ A quantidade total de dados foi 603, porém, como houve apenas um único caso de *vós*, optamos por retirá-lo da análise percentual.

oração de outra pessoa ou simula uma que ela mesma ou outra pessoa fez em outro momento. E foi assim que conseguimos os dados de *you*, como pode ser visto no exemplo que se segue (o discurso reportado está entre aspas e o que está fora das aspas é o discurso próprio):

L (homem, 27 anos):

Pra *you* falar pra ele: “ó, Jesus, construí minha carreira aqui como advogado pra *YOU*”.

Apesar de o discurso reportado abrir espaço para o uso de *you* de forma mais “confortável”, ainda é possível observar que há certo policiamento quanto a esse pronome, como pode se observar no exemplo abaixo em que o colaborador parece ter repensado sua escolha de uso de pronome de segunda pessoa para falar com Deus no meio de sua fala:

R (homem, 35 anos):

Ele falou pra Deus “Foi ela, mas quem criou ela foi *YOU*. Foi ela, mas quem fez ela foi o SENHOR.”

7.2.2 Sexo do falante

Essa variável se restringe unicamente à modalidade falada da oração, uma vez que, para a modalidade musical, foram analisadas bandas e não cantores ou cantoras. A nossa hipótese era a de que os homens favoreceriam *you* e as mulheres desfavoreceriam esse pronome, uma vez que as mulheres costumam buscar, inconscientemente, usar a linguagem que mais se adéque ao padrão de língua proposto pelas gramáticas tradicionais¹⁰.

Essa expectativa foi relativamente confirmada como pode-se observar na tabela 3:

¹⁰ Cabe lembrar que pouquíssimas gramáticas normativas reconhecem e registram *you*, *senhor* e a *gente* como pessoas do discurso dentro do paradigma verbal, mesmo com a alta produtividade e gramaticalização dessas três formas.

Tabela 3 – Sexo do falante.

	Tu	Senhor	Você	Total
Homem	8/94 8,5%	84/94 89,4%	2/94 2,1%	94/203 46,3%
Mulher	4/109 3,7%	102/109 93,6%	3/109 2,8%	109/203 53,7%
Total	12/203 5,9%	186/203 91,6%	5/203 2,5%	203

De fato, o gênero feminino favoreceu o uso de *Senhor* (93,6%), por estar acima da média (91,6%), mas o gênero masculino favoreceu o uso de *tu* (8,5%, estando acima da média que foi 5,9%).

Tal fato foi surpreendente, porque *tu* com concordância é extremamente formal no contexto religioso, por isso, o esperado era que as mulheres favorecessem esse uso. Contudo, dos quatro colaboradores, apenas um, homem, utilizou o pronome *tu* de forma explícita. Todos os outros utilizaram apenas *Senhor* como sujeito explícito, podendo ser observados resquícios do *tu* principalmente nos imperativos dos verbos. Abaixo seguem exemplos do único colaborador que usou *tu* explícito:

A (homem, 23 anos):

TU és o nosso Deus, TU és o Deus da nossa história, nossa caminhada.

Tu apareceu majoritariamente de forma implícita na Fala, como será melhor abordado na seção 7.3.1 “Preenchimento do sujeito”. Não houve casos de *você*, apenas nos discursos reportados, como já tratado anteriormente. Nos demais dados da amostra da Fala, os colaboradores utilizaram apenas *Senhor* de forma explícita, o que explica as altas porcentagens de ocorrência desse pronome para ambos os sexos.

Apesar de o sexo feminino ter favorecido *Senhor*, uma vez que a média foi de 91,6% e a porcentagem para o sexo feminino foi de 93,6% (acima da média), enquanto para o sexo masculino foi de 89,4% (abaixo da média e, portanto, desfavorecendo esse uso), pode-se observar que *Senhor* é muito utilizado por ambos os sexos, uma vez que a diferença entre as porcentagens não é tão grande.

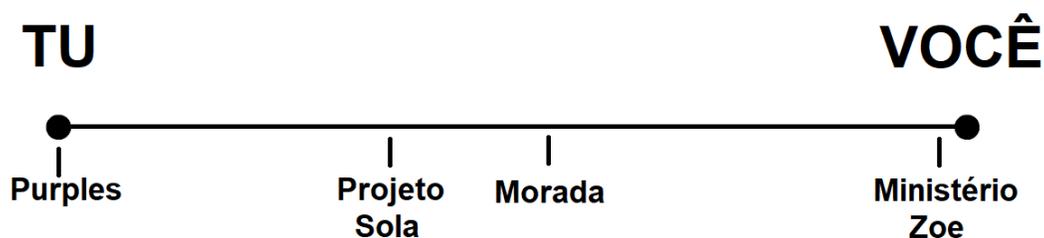
7.2.3 Denominação da banda

Essa variável foi considerada apenas para a modalidade musical das orações, uma vez que os quatro jovens, cujas orações foram analisadas, pertencem a uma mesma igreja, reformada, e, assim, não há diferença de denominação entre eles. Já as bandas foram escolhidas dentro de um contexto nacional de produção própria no gênero musical gospel.

Das quatro bandas, duas são reformadas e as outras duas são não reformadas, quais sejam: Purples (banda reformada, que não apresentou nenhum dado de *você*), Projeto Sola (reformada), Morada (não reformada) e Ministério Zoe (não reformada, cujos pouquíssimos dados de *tu*, em sua maioria, foram com sujeito implícito na forma verbal imperativo).

Apenas com a coleta e codificação dos dados, já seria possível formar um *continuum* do espriamento desde o uso de *tu* até o uso de *você* no discurso religioso, desconsiderando o pronome *Senhor*, uma vez que este pronome ocorreu de modo equilibrado entre as duas denominações. O possível *continuum* para ilustrar esse fenômeno seria:

Figura 1 – *Continuum tu e você*



Assim sendo, a expectativa era de que as bandas não reformadas favorecessem *você* e as reformadas desfavorecessem esse pronome, tendo em vista que as igrejas reformadas tendem a ser mais tradicionais. Nossa hipótese foi confirmada, como pode ser observado na tabela a seguir:

Tabela 4 – Denominação da banda

	Tu	Senhor	Você	Total
Reformada	141/196 71,9%	43/196 21,9%	12/196 6,1%	196/399 49,1%
Não Reformada	52/203 25,6%	43/203 21,2%	108/203 53,2%	203/399 50,8%
Total	193/399 48,4%	86/399 21,6%	120/399 30,1%	399

Os resultados dessa variável foram extremamente interessantes. *Tu* é fortemente favorecido pelas igrejas reformadas (71,9%), estando bem acima da média (48,4%), enquanto *você* é favorecido pelas não reformadas (cuja porcentagem foi de 53,2%, estando acima da média que é 30,1%) e desfavorecido de forma acentuada pelas reformadas (6,1%, bem abaixo da média de 30,1%).

Vale mencionar ainda que a quantidade de dados de *tu* se mostrou maior do que a de *você*, levando em conta ambas denominações, tendo 193 dados de *tu* e 120 de *você*. O fato de a diferença entre a ocorrência de dados de *tu* e *você* não ser tão grande, pode nos levar a crer que *você* esteja ainda no processo de espraiamento no ambiente do discurso religioso, talvez começando a ocupar espaços antes ocupados pelo *tu*.

7.3 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas codificadas e analisadas foram: preenchimento do sujeito, função sintática, paralelismo sintático e modo verbal. A seguir, exemplificaremos cada variável independente, a hipótese inicial da variável intralinguística; a tabela com os resultados percentuais e a análise dos dados.

7.3.1 Preenchimento do sujeito

Essa variável leva em conta as duas possibilidades de ocorrência do sujeito:

- Sujeito explícito

TU

Morada (banda não reformada):
 Bendirei o Teu nome para sempre
 Ó exaltado em glória e majestade
 TU és meu Senhor, meu amado
 TU és meu rei
 (Música “Bendirei”)

SENHOR

Projeto Sola (banda reformada):
 Se o SENHOR é o meu pastor
 Aquilo que eu não tenho, eu não preciso desejar
 (Música “23”)

VOCÊ

G (mulher, 22 anos):
 Ela falou: “Muito obrigada, Deus, porque o que VOCÊ tem conosco é uma aliança e não um contrato”.

- Sujeito implícito

TU

Purples (banda reformada):
 No princípio FORMASTE a criação, por ela traído então
 Verbo fez-se em homem e salvação
 RESGATASTE um pobre mero pecador, incondicional amor
 DESTES o teu maior tesouro em cruz e dor
 Nova criatura FIZESTE-me
 Quebrantado estou, TRANSFORMASTE-me
 Eis-me aqui, MOLDA o meu ser em teu querer
 (Música “Tesouro”)

*SENHOR*¹¹

L (homem, 27 anos):
 Porque foi o Senhor foi quem nos salvou, Deus. Porque a nossa salvação não depende de nós, não depende de como nós nos sentimos, porque muitas vezes a gente se sente um hipócrita de verdade. Mas o SENHOR, com a sua misericórdia, ainda assim nos SALVA e nos DÁ um caminho para ter um coração leve diante de ti, Deus. Te pedimos, SENHOR, que nos ANIME, SENHOR, que ANIME todos os seus filhos aqui a serem cada vez mais parecidos contigo. Que nos ANIME a sermos nós mesmos: filhos de Deus.

¹¹ Nos casos de *você* e *Senhor* implícito, para saber qual era o sujeito, uma vez que as desinências de *você* e *Senhor* são as mesmas, seguimos as pistas linguísticas fornecidas pelo texto. Assim, se em um dado apareceu *Senhor* e logo depois apareceu um sujeito implícito, nós consideramos esse implícito como retomada anafórica de *senhor*. O mesmo critério foi utilizado com os dados de *você* implícito.

VOCÊ

Ministério Zoe (banda não reformada):
Você me leva ao deserto pra falar de amor
Me DEIXA passar pelo vale
Pra mostrar que ESTÁ comigo
Me PÕE no meio da tempestade,
PINTA um arco-íris
Pra me DIZER no fim
Que a Tua fidelidade não acabou
(Música “Você me leva ao deserto”)

A hipótese inicial era a de que sujeito explícito favoreceria *tu* e sujeito implícito desfavoreceria esse pronome, tendo em vista que raramente é feita a conjugação dos verbos na segunda pessoa na fala vernacular. Contudo, os resultados mostraram que a realidade é outra, porque o *tu* do discurso religioso é quase sempre marcado pela concordância, como pode ser visto na tabela:

Tabela 5 – Preenchimento do sujeito

	Tu	Senhor	Você	Total
Explícito	47/217 21,7%	113/217 52,1%	57/217 26,3%	217/436 49,8%
Implícito	158/219 72,1%	36/219 16,4%	25/219 11,4%	219/436 50,2%
Total	205/436 47%	149/436 34,2%	82/436 18,8%	436

O sujeito implícito favorece o uso de *tu* (72,1% em comparação com a média, que foi 47%) e desfavorece as outras duas variantes, cujas porcentagens ficaram abaixo de suas respectivas médias. Por outro lado, sujeito explícito favorece *Senhor* (52,1% em relação à média, 34,2%) e *você* (26,3% de uma média de 18,8%), desfavorecendo *tu* (21,7%, porque ficou abaixo de 47%, que é a média).

A interpretação para esse favorecimento de *tu* pelo sujeito implícito é de que há um resquício da concordância com *tu* nas formas imperativas dos verbos, em que aparentemente há uma preferência pelos imperativos conjugados na segunda pessoa e não na terceira, que parece aumentar a formalidade, mas isso será discutido na seção 7.3.4 “Formas verbais”.

7.3.2 Função sintática

Inicialmente, dividimos essa variável em 9 fatores, listados a seguir com seus respectivos exemplos:

- Sujeito

Purples (banda reformada):
TU te tornaste em carne a redimir
Cristo, tão humilhado
Sem pecado em meu lugar sofreu
TU és a alegria
Nova vida em Ti, Rei e Deus meu
(Música “Romanos 5”)

- Vocativo

L (homem, 27 anos):
[...] SENHOR, tem misericórdia da gente, SENHOR [...].

- Adjunto

Ministério Zoe (banda não reformada)
Quem pois conheceu a mente do SENHOR?
[...]
Tudo para VOCÊ, Jesus
(Música “Nunca foi sobre nós”)

- Predicativo do Sujeito

L (homem, 27 anos):
Quantas vezes, Deus, nós... nós esquecemos quem é o SENHOR, nós esquecemos da autoridade que o Senhor possui.

- Objeto Direto preposicionado (houve apenas um único dado)

Purples (banda reformada):
Todo ser que aqui respira louve ao SENHOR
(Música “Enquanto eu respirar”)

- Objeto Direto

Projeto Sola (banda reformada):
Sei que a morte não triunfou
Ter VOCÊ aqui de volta
(Música “Canção de um certo Pedro”)

- Aposto

Projeto Sola (banda reformada):
Trago boas notícias
De paz e alegria
Vos nasceu o salvador
Que é Cristo, o SENHOR
(Música “Gênesis”)

- Complemento nominal

A (homem, 23 anos):
Obrigado porque [a nossa salvação] não está pautada naquilo que a gente pode fazer, está pautada em Cristo Jesus. Por isso te adoramos, por isso temos acesso ao SENHOR, e a tua misericórdia se renova dia após dia em nós. Obrigado, Pai.

- Objeto Indireto

Ministério Zoe (banda não reformada):
Eu ando tão corrido, tão distraído
Me esqueço de VOCÊ
(Música “Fica aqui, Pai”)

Em relação a essa variável, a hipótese era a de que a função sintática de vocativo favoreceria *Senhor*. Isso porque, antes de ser pronome de tratamento, *senhor* é um substantivo, enquanto *tu* e *você*¹² são pronomes, que não apresentam muitos traços de vocativo.

¹²*Você* e *senhor* já foram gramaticalizados na língua portuguesa, passando a serem vistos como pronomes. Contudo, *senhor* permaneceu com alguns traços de substantivo enquanto *você* parece ter perdido tais traços, ficando majoritariamente com os traços de pronome e não mais de nome, como pode ser observado no fato de que *senhor* ainda é usado como substantivo em alguns contextos enquanto *você* aparece apenas como pronome, atualmente.

Tabela 6– Função sintática antes da amalgamação

	Tu	Senhor	Você	Total
Sujeito	205/436 47%	149/436 34,2%	82/436 18,8%	436/600 72,7%
Vocativo	0	78/78 100%	0	78/600 13%
Adjunto	0	19/35 54,3%	16/35 45,7%	35/600 5,8%
Predicativo do Sujeito	0	9/9 100%	0	9/600 1,5%
Objeto Direto Preposicionado	0	1/1 100%	0	1/600 0,2%
Objeto Direto	0	5/11 45,5%	6/11 54,5%	11/600 1,8%
Aposto	0	2/2 100%	0	2/600 0,3%
Complemento Nominal	0	8/26 30,8%	18/26 69,2%	26/600 4,3%
Objeto Indireto	0	1/2 50%	1/2 50%	2/600 0,3%
Total	205/600 34,2%	272/600 45,3%	123/600 20,5%	600

Para obtermos um resultado mais específico, geral e significativo, reorganizamos essa variável amalgamando alguns fatores, ficando, assim, dividida apenas em sujeito, vocativo e demais funções sintáticas. Optamos por juntar as outras 7 funções em uma só, tendo em vista que a variação entre elas parecia ser apenas se você “dividia” a função sintática com *senhor* ou não. Uma vez que, nas funções sintáticas de adjunto, objeto direto, objeto indireto e complemento nominal, houve variação entre *você* e *senhor*, fizemos a amalgamação para observar melhor como essa dinâmica entre *senhor* e *você* estava ocorrendo.

Tabela 7– Função sintática após amalgamação¹³

	Tu	Senhor	Você	Total
Sujeito	205/436 47%	149/436 34,2%	82/436 18,8%	436/600 72,7%
Vocativo	0	78/78 100%	0	78/600 13%
Demais funções	0	45/86 52,3%	41/86 47,7%	86/600 14,3%
Total	205/600 34,2%	272/600 45,3%	123/600 20,5%	600

Como mostrado pela tabela, sujeito favorece *tu* (47%, estando acima da média, que é 34,2%) e vocativo favorece *Senhor* (100%), que acontece de forma categórica, uma vez que foi a única variante que ocorreu nessa função sintática.

Quanto às demais funções, é interessante observar que aparentemente está havendo um movimento de restrição do uso do *tu*, que só apareceu com função de sujeito, e entrada do *você*, que parece estar conquistando espaço nas diversas funções sintáticas. A partir disso, pode-se pressupor que o *você* entrou, ainda que não completamente, no sistema linguístico da comunidade de prática religiosa, enquanto o *tu* está adquirindo um uso mais especializado na função de sujeito.

Sobre o pronome *Senhor*, cabe destacar que ele parece ter sido usado majoritariamente como vocativo. Nos casos em que *Senhor* não aparece como vocativo, ele tende a ocorrer com maior frequência em funções diferentes de sujeito, que é a função que desfavorece o uso desse pronome (34,2%, estando abaixo da média de 45,3%).

Uma possível explicação para esse desfavorecimento de *senhor* na função de sujeito é que ainda não é algo certo e indiscutível que *senhor* seja pronome pessoal, apesar de ser inquestionável o fato de que ele apresenta traços pronominais, o que faz

¹³ Nas variáveis função sintática e paralelismo sintático, aparecem apenas 600 dados, dos 602 em análise, porque dois dados não apresentam função sintática, a saber: “eu você/ você e eu”, da música “Quando a luz se apagar” da banda não reformada Ministério Zoe.

com que haja unanimidade no pensamento de que *senhor* está em processo de pronominalização (RAMOS, 2011).

Tendo em vista que a função sintática de sujeito é ocupada majoritariamente por nomes e pronomes pessoais, (e não por pronomes de tratamento) e uma vez que *senhor* ainda não se gramaticalizou completamente como pronome pessoal, o uso de *senhor* como sujeito ainda não ocorre tão naturalmente. Enquanto isso, *tu* e *você* parecem competir pelas demais funções sintáticas; igrejas reformadas favorecem a “vitória” de *tu* e igrejas não reformadas favorecem a de *você*.

7.3.3 Paralelismo sintático

Antes de apresentarmos a tabela com o registro dos resultados obtidos acerca dessa variável, iremos especificar cada fator que foi analisado com seu respectivo exemplo.

- Dado isolado

Projeto Sola (banda reformada):

ÉS o Cordeiro, que pelos nossos pecados foi esmagado
Sem dizer uma só palavra, se entregou aos cravos
Derramou sua vida até a morte, provando a ira amarga
Pra nos dar sua doce graça e nos fazer viver
(Música “Isaías 53”)

- Primeiro da Série

A (homem, 23 anos):

SENHOR, nos colocamos diante de ti, Pai, em tua presença. Tu és o Deus de toda a criação, o senhor de tudo.

- Não primeiro da série precedido de *Senhor*

Y (mulher, 21 anos):

Que o Senhor possa nos ajudar com cada dificuldade que a gente passe, cada momento de tristeza, que o SENHOR possa nos ajudar a superarmos, Pai, e que o SENHOR possa estar com cada pedido que foi feito aqui, SENHOR, que o SENHOR possa fazer a tua vontade acima de tudo e, se possível, que o SENHOR nos mostre o objetivo, Pai, que muitas vezes a gente não entende o porquê de uma coisa 'tá acontecendo, o porquê de uma coisa que a gente planejou não dar certo, SENHOR, que o SENHOR possa acalmar o nosso coração e confortá-lo, Pai. Te agradeço por tudo, em nome de Jesus, amém.

- Não primeiro da série precedido de *Tu*

Purples (banda reformada):
 Sejas Tu meu pensamento
 Ao dormir e ao acordar
 DÁ-me sede da Palavra
 Sempre nela a meditar
 FAZ de mim pequeno Cristo
 Digno de ser filho teu
 Anunciando as boas novas
 Salvação que vem de Deus
 (Música “Oração”)

- Não primeiro da série precedido de *Você*

Morada (banda não reformada):
 E quando chegar lá
 Será que Você vai me encontrar?
 Se eu ficar no meu lugar secreto, discreto, bem quieto
 Esperando VOCE me achar
 (Música “Puro e simples”)

O princípio do paralelismo sintático é o de que a ocorrência de uma variante tenderá a fazer com que seu uso continue ocorrendo nos ambientes subsequentes (marcas levam a marcas e zeros levam a zeros). Assim, a hipótese inicial é a de que o uso de *Senhor* faça com que os próximos dados que apareçam sejam também *Senhor* e o mesmo para *tu* e *você*. Também se espera, conseqüentemente, que o pronome precedente seja o mesmo do subsequente.

Quanto ao primeiro termo que aparece em uma série de dados, esperava-se que o mais profícuo fosse *Senhor*, pelo seu forte caráter de vocativo e porque as orações parecem se iniciar sempre com um vocativo.

A expectativa em relação aos dados isolados era a de que favorecessem *Senhor*, porque, por ter traços de substantivo, serve melhor como referente do que *tu* e *você*, que são mais para retomada anafórica, uma vez que apresentam mais traços de pronome, necessitando de um termo antecedente para saber qual é o nome que estão substituindo.

O dado isolado é aquele que aparece sem ser seguido nem precedido por nenhum outro dado, estando sozinho em uma sequência (nas músicas consideramos cada estrofe como sendo um turno de fala). Todos os fatores do paralelismo sintático estão descritos na Tabela 8.

Tabela 8 – Paralelismo sintático

	Tu	Senhor	Você	Total
Isolado	26/75 34,7%	27/75 36%	22/75 29,3%	75/600 12,5%
Primeiro da série	59/133 44,4%	35/133 26,3%	39/133 29,3%	133/600 22,2%
Precedido de <i>Senhor</i>	23/204 11,3%	179/204 87,7%	2/204 1%	204/600 34%
Precedido de <i>Tu</i>	89/122 73%	28/122 23%	5/122 4,1%	122/600 20,3%
Precedido de <i>Você</i>	6/66 9,1%	3/66 4,5%	57/66 86,4%	66/600 11%
Total	203/600 33,8%	272/600 45,3%	125/600 20,8%	600

A hipótese de que ocorre paralelismo sintático foi confirmada. Como mostrado na tabela 7, quando o dado é precedido de *Senhor* favorece a ocorrência de *Senhor* (87,7%, que está acima da média de 45,3%), do mesmo modo que quando é precedido de *tu* favorece o uso de *tu* (73% em comparação da média de 33,8%) e, de *você* favorece a ocorrência de *você* (86,4%, estando acima da média, 20,8%).

Já as hipóteses de que os dados isolados e primeiros da série favoreceriam *Senhor* foram refutadas. O resultado, na verdade, foi o contrário: a posição de primeiro da série e isolado desfavoreceram o uso de *Senhor* e favoreceram o uso de *tu* e *você*. Uma possível explicação para isso é que o contexto religioso já proporciona o pressuposto de que o referente será Deus, cujo um dos nomes, funcionando como uma espécie de sinônimo, também é *Senhor*. Assim, no que tange ao formato de uma oração, não seria necessário que se explicitasse continuamente a quem se está referindo, podendo-se utilizar *tu* e *você* como primeiros da série ou isolados.

Apesar de o paralelismo sintático ser regra geral, existem turnos de fala que não seguem esse princípio, ou seja, trata-se de um grupo de fatores altamente variável. A esses casos, Tagliamonte (2006, p. 98) chama de super *tokens*, por apresentarem todas – ou quase todas – as variantes em análise. Abaixo, apresentaremos o único

caso de super *token* com duas variantes (*Senhor* e *tu*) que ocorreu na fala de um colaborador e a única música que apresentou todas as três variantes em análise (*Senhor, tu* e *você*) em uma mesma canção.

A (homem, 23 anos):

SENHOR, não foi em vão que o teu Filho morreu. Não foi em vão que o SENHOR se entregou por nós e nós sabemos que tem/ TU tens melhor para nossa vida. (A barra representa uma pequena pausa, que ele fez para então trazer o *tu* explícito com concordância).

Morada (banda não reformada):

Contigo eu quero ficar
VOCÊ me traz calma
TU és o meu sol
Minha ilha, meu farol
Meu porto seguro
[...]
TU és meu futuro, meu futuro
E vão se embora os meus medos
DESVENDAS os meus segredos
Trazendo paz ao meu mundo
SENHOR, não VÁ mais embora
Mesmo que eu erre agora
Sem ti não duro um segundo

7.3.4 Forma verbal

Por forma verbal, entende-se o tempo, o modo e as formas nominais do verbo. O tempo inclui apenas as categorias gerais de presente, pretérito e futuro; o modo inclui o indicativo, as formas compostas, o subjuntivo e o imperativo; e as formas nominais incluem apenas gerúndio e infinitivo, porque foram as formas constatadas na amostra. Os dados abaixo ilustram melhor essa categorização:

- Presente:

Y (mulher, 21 anos):

Pe/ peço perdão pelos nossos pecados e te agradeço por tudo que o SENHOR tem feito por nós, Pai.

Purples (banda reformada):

A tua face buscarei, pois por completo me entreguei
TU és o meu motivo de existir
(Música “De todo coração”)

- Infinitivo e Pretérito Perfeito do Indicativo:

Projeto Sola (banda reformada):
Só assim eu entendi o que é que VOCÊ fez
Ao me perguntar sobre o amor
Rasgou meu coração,
Me mostrou o pior de mim
Para eu ser então o melhor em ti
(Música “Canção de um certo Pedro”)

- Pretérito Imperfeito do Indicativo¹⁴:

Purples (banda reformada):
Eras TU antes do Sol
De toda vida o autor TU és
(Música “Reinas”)

- Futuro do Indicativo:

Ministério Zoe (banda não reformada):
Eu canto para VOCÊ, Jesus
Sei que nunca me deixará

- Gerúndio:

I (mulher, 21 anos):
Eu te agradeço pelas notas dela, pelas bênçãos, Deus amado, que o SENHOR vem derramando sobre a vida dela.

- Imperativo:

Purples (banda reformada):
Me ESVAZIA de mim
MOLDA o meu ser em teu querer
(Música “Tesouro”)

- Subjuntivo:

I (mulher, 21 anos) – Te peço pela mãe dela, Deus amado, que hoje passou mal, e te peço, Deus amado, que o SENHOR esteja com ela, que o SENHOR traga saúde, Pai amado.

Em relação a essa variável, a expectativa era a de que pretérito favoreceria *tu*, pois, na pesquisa de Dias (2007, p. 91), *tu* foi levemente favorecido por pretérito perfeito. Quanto às demais formas verbais, como nenhum dos trabalhos antecedentes trouxe uma codificação detalhada sobre isso, resolvemos analisá-la apenas como variável de controle. Os resultados dessa variável podem ser vistos na tabela abaixo:

¹⁴Além de não ter tido ocorrência de pretérito imperfeito na Fala, houve pouquíssimos dados conjugados nesse tempo verbal, por isso optamos por amalgamá-lo com pretérito perfeito, para trabalhar apenas com pretérito em geral.

Tabela 9 – Forma verbal¹⁵

	Tu	Senhor	Você	Total
Presente	124/258 48,1%	55/258 21,3%	79/258 30,6%	258/519 49,7%
Pretérito	10/61 16,4%	24/61 39,3%	27/61 44,3%	61/519 11,8%
Futuro	5/9 55,6%	2/9 22,2%	2/9 22,2%	9/519 1,7%
Imperativo	66/93 71%	21/93 22,6%	6/93 6,5%	93/519 17,9%
Subjuntivo	0	72/72 100%	0	72/519 13,9%
Formas nominais do verbo	0	17/26 65,4%	9/26 34,6%	26/519 5%
Total	205/519 39,5%	191/519 36,8%	123/519 23,7%	519

A partir da análise da tabela 9, pode-se observar que as formas nominais do verbo favorecem *Senhor* (65,4% de uma média de 36,8%) e *você* (34,6% de uma média de 23,7%), e desfavorecem *tu* de modo categórico, uma vez que não houve ocorrência desse dado.

O que chama bastante a atenção é o fato de que a forma verbal imperativo favorece, de modo discrepante, a ocorrência de *tu* (71% de uma média de 39,5%) principalmente em comparação com as porcentagens de ocorrência desse modo verbal nas demais variáveis (com *Senhor* a porcentagem foi de 22,6%, ficando abaixo da média de 36,8% e com *você* a porcentagem foi de 6,5%, que, em comparação com a média de 23,7%, ficou bem abaixo).

A hipótese para esse fenômeno é a de que haja resquícios do uso de *tu* no imperativo, uma vez que, quando conjugado na terceira pessoa, o imperativo possui uma conotação mais formal. Infelizmente, não será possível averiguar se essa hipótese

¹⁵ Foram analisados apenas 519 dados, porque não foram consideradas as formas verbais dos verbos próximos de vocativos, por entender que essa função sintática não influencia diretamente na conjugação dos verbos. Além disso, alguns outros dados também não foram analisados nessa variável por estarem isolados ou tão distantes de qualquer verbo que impossibilitava concluir que exercessem algum tipo de influência sobre eles.

será corroborada ou refutada, mas fica aqui um incentivo para que estudos futuros sejam desenvolvidos.

Outro fator que trouxe resultados bastante interessantes foi o subjuntivo, que ocorreu de forma categórica com *Senhor*, como pode ser visto a seguir:

A (homem, 23 anos):

FALA {inint.} conosco essa noite por meio da tua Santa Escritura. Que o nosso coração se molde à tua Palavra e que a nossa mente se submeta a Cristo, não importa o quanto doa, mas nós pedimos, Pai, que o SENHOR nos ajude a nos parecer com Cristo, nos FAZ parecer mais com Jesus e que o SENHOR seja exaltado essa noite por meio da pregação aqui e por meio dos nossos ouvidos atentos. E nós pedimos ao teu Santo Espírito: abra o nosso coração, para ouvirmos da tua santa voz. Em nome de Cristo Jesus, amém.

Y (mulher, 21 anos):

Queria pedir pra que o SENHOR possa estar com cada uma, que o SENHOR possa estar nos ajudando na nossa luta espiritual, que o SENHOR possa estar com a gente na volta pra casa, que o SENHOR possa estar “acatano”... Não acatando, porque o SENHOR não é obrigado a fazer nossos pedidos, mas que o SENHOR possa ‘tá escutando as nossas orações, POSSA estar dando ânimo, motivação, foco tanto pra vida acadêmica quanto emocional, quanto espiritual, Pai.

Possivelmente há duas explicações para isso: i) o subjuntivo é muito usado para fazer pedidos e expressar desejos, o que é bem recorrente nas orações; ii) a estrutura “Que o *Senhor* + verbo no subjuntivo” é muito produtiva na modalidade falada da oração, como pôde ser visto nos exemplos acima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda há muito mais a ser dito e estudado, contudo, nem o tempo nem o espaço o permitem. Mais uma vez, reforço que a presente pesquisa tem um caráter mais introdutório, tendo em vista que ainda não há muitos estudos sobre a comunidade de prática religiosa em questão. Por isso, fica aqui o incentivo para que trabalhos futuros aprofundem o tema aqui abordado, trazendo a rodada de peso relativo e aumentando o número de dados da amostra.

No entanto, ainda assim, foi possível chegar a algumas conclusões importantes e pertinentes, a saber, *tu* é favorecido por Canto, sexo masculino, igrejas reformadas, sujeito implícito, função sintática de sujeito e forma verbal imperativo. *Você* é favorecido por Canto, igrejas não reformadas, sujeito explícito e funções sintáticas diferentes de sujeito e vocativo. Cabe destacar que o uso desse pronome ocorreu de modo equilibrado quando comparando os dados dos sexos masculino e feminino.

Por fim, *Senhor* é favorecido pela Fala, sexo feminino (apesar de a diferença ter sido bem pequena para o sexo masculino), sujeito explícito, vocativo e funções sintáticas diferentes de sujeito e pela forma verbal subjuntivo. É interessante notar que o uso de *Senhor* também ocorreu de modo equilibrado entre as duas denominações aqui propostas.

A partir desses dados e dos resultados, foi possível observar que *você* está entrando progressivamente no discurso religioso, enquanto *tu* está se especializando e tendo um uso bastante restrito ao contexto musical, ao sujeito implícito, à função de sujeito e às formas verbais imperativas.

Assim, é bastante incomum um jovem utilizar *tu* na oração ao se dirigir a Deus (apenas um dos quatro colaboradores da modalidade falada apresentou dados de *tu* explícito) e, quando o faz, é (quase)¹⁶ sempre com concordância explícita, promovendo um ar mais elegante e elaborado à oração, uma vez que o pronome mais comum e mais neutro dentro da comunidade evangélica é *Senhor*, diferentemente da fala

¹⁶ Não é possível afirmar que *tu* ocorre categoricamente com concordância, porque presenciei uma única vez a ocorrência de *tu* sem concordância na oração.

vernacular brasileiro, em que *senhor* passou a ter um uso restrito, conforme Andrade (2010 e 2015) salientou.

Essa restrição de uso do pronome *senhor* na fala cotidiana parece ter se refletido no discurso religioso, no que tange às orações. Uma vez que a fala vernacular influencia a fala religiosa, é possível entender que, se na fala vernacular o mais comum é o uso de *você*, é natural que esse uso ocorra também no discurso religioso, de forma inconsciente e progressiva, como pôde ser observado a partir da análise dos dados coletados.

Acerca da modalidade musical, esta parece fornecer um ambiente com menos policiamento linguístico, o que permite o uso de formas marcadas no contexto religioso (*você*), de modo mais natural, tal como no discurso reportado. Assim, é possível perceber que o uso de *você* em referência a Deus acontece de modo mais natural, sem gerar tanto estranhamento, diferentemente de quando se usa esse pronome na modalidade falada. Na verdade, a música parece trazer uma certa informalidade, de tal forma que os falantes, na maior parte das vezes, nem se dão conta de que estão utilizando o pronome *você*, enquanto na fala esse uso fica evidente, por ser a variante mais marcada.

Por fim, gostaria de destacar que, quando iniciei a pesquisa, acreditava que o fenômeno principal em análise seria a “disputa” entre *Senhor* e *você* em referência a Deus nas orações dos jovens. Contudo, com o progresso da pesquisa, comecei a entender que o fenômeno principal, na verdade, era entre *você* e *tu*, uma vez que o uso de *Senhor* parece estável nos diversos contextos.

Assim sendo, é possível concluir que se referir a Deus como *você* não é falta de reverência, mas um processo de mudança linguística. Por isso algumas pessoas já utilizam esse pronome de modo natural para se referir a Deus enquanto, para outras, esse uso ainda gera um forte estranhamento. Além disso, a estabilidade e proeminência do pronome de tratamento *Senhor* nos diversos contextos intra e extralinguísticos possibilitam a conclusão de que se Deus será *tu* ou *você* é algo que pode vir a variar conforme o tempo, mas uma coisa é certa: ele sempre será *Senhor*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Adriana Lília V.S. **A variação você, cê e ocê no português brasileiro falado**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

ANDRADE, Carolina. **Tu e mais quantos?** A segunda pessoa na fala brasiliense. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

_____. **A fala brasiliense: origem e expansão do pronome *tu***. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BROWN, Roger; GILMAN, Albert (1960). **The pronouns of power and solidarity**. In: C. Brat Paulston e G.R. Tucker (eds.) *Sociolinguistics: the essential readings* (2003). Oxford, Blackwell. p. 156-176.

DETTONI, Rachel *et alii*. **Projeto de Variação Linguística no Centro-Oeste (VALCO)**. Alfa, São Paulo, 56, 3, p. 807-833, 2012.

DIAS, Edilene Patrícia. **O uso do tu no português brasiliense falado**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ECKERT, Penelope; LABOV, William. **Phonetics, phonology and social meaning**. *Journal of Sociolinguistics*. Wiley Online Library, 467–496, abr. 2017.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCA, Nívia Naves Garcia. **A variação tu/você na fala brasiliense**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

RAMOS, Jânia. **De nome a pronome: um estudo sobre o item *senhor***. *Caligrama*, Belo Horizonte, v.16, n.2, p. 69- 84, 2011.

REBOUÇAS, Ângela; COSTA, Ivandilson. **A sociolinguística variacionista: fundamentos, pesquisas, pontos críticos**. *Interletras*, v.3, ed.19, p.1-13, abril - setembro, 2014.

SCHERRE, Marta *et alii*. **Tu, você, cê e ocê na variedade brasiliense**. *PAPIA – Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, São Paulo, v.21, n. esp., p.117-134, 2011.

TAGLIAMONTE, Sali. A. **Analysing sociolinguistic variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Martin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** (Trad. Marcos Bagno). São Paulo: Parábola Editorial, 2006.